



**ANAIS**

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo  
Contemporâneo**

**XI Colóquio Nacional Cultura e Poder**

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos  
sobre Religiões e Religiosidades**

**VI Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2025**

**GT 8 – Antropologia das formas expressivas: materialidades  
que promovem e intermediam relações.**

# ENTRE VELAS, ÁGUAS E PEDIDOS: MATERIALIDADES DA DEVOÇÃO.

Marcos Belarmino de Paula Santos (UEL-G)

Marco Antonio Neves Soares (UEL-PQ)

**Resumo:** Sepultado no Cemitério Municipal São Pedro, em Londrina-Pr, José Osvaldo Schietti, falecido aos oito anos de idade, em 1950, é um milagreiro de cemitério londrinense. Com grande frequência recebe devotos, devoções e cultos à beira de sua sepultura. O presente trabalho objetiva analisar as manifestações de fé em torno de seu jazigo, identificando e descrevendo práticas e objetos que se relacionam e/ou são depositados sobre o túmulo. Do ponto de vista teórico, mobilizam-se os conceitos de Michel de Certeau (1994), especialmente estratégia e tática. Como metodologia, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, unindo revisão bibliográfica e análise de registros fotográficos. No entanto, os elementos analisados restringem-se à dimensão da materialidade registrada e não da fotografia propriamente dita. Como resultados prévios obtidos, a análise das imagens evidenciam as interações dos visitantes com a sepultura, ressaltando os túmulos como espaços de expressão simbólica. Mais do que locais de sepultamento, assumem sentidos religiosos, culturais e sociais. Por meio de práticas cotidianas, como orações e oferendas, os visitantes ressignificam o espaço como lugar de devoção.

**Palavras-Chaves:** Catolicismo Popular. Ex-votos. José Osvaldo Schietti. Milagreiro de Cemitério.

## INTRODUÇÃO

As necrópoles brasileiras abrigam personagens importantes para o catolicismo popular brasileiro: os milagreiros. A esses mortos especiais – homens, mulheres e crianças – são atribuídos milagres cotidianos, como cura de doenças, sucesso profissional e financeiro, resolução de conflitos amorosos etc. Os túmulos onde estariam sepultados, tornam-se locais de devoção, passando a receber visitas, oferendas, rezas e ex-votos – em agradecimento pelas graças alcançadas. Esse fenômeno, não reconhecido pela Igreja Católica, é chamado por autores, como José Carlos Pereira (2005, p. 36), de devoção marginal, “porque existem e subsistem às margens da Igreja oficial, muitas vezes sem o conhecimento da mesma”. No Cemitério Municipal São Pedro, em Londrina-Pr, destaca-se uma sepultura que ganhou notoriedade devido a um suposto fenômeno: a água que jorraria do túmulo, considerada milagrosa, com relatos, até mesmo, de curas de enfermidades. José Osvaldo Schietti, ali sepultado, passou a figurar no panteão dos milagreiros de cemitério.

O presente trabalho é resultado preliminar de uma pesquisa ainda em andamento e, objetiva analisar as manifestações de fé em torno do jazigo, identificando e descrevendo práticas e objetos que se relacionam e/ou ali são depositados. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, unindo revisão bibliográfica e análise de registros fotográficos. No entanto, os elementos analisados restringem-se à dimensão da materialidade registrada e não da

fotografia propriamente dita. A documentação fotográfica foi realizada em diferentes períodos – em distintos dias, semanas e meses – com o objetivo de registrar a materialidade presente na sepultura. Conforme a abordagem proposta por Ana Maria Mauad (1996), a fotografia ultrapassa a função de mero registro visual, exigindo do historiador uma leitura crítica que a compreenda tanto como documento quanto como monumento. No entanto, considerando os limites deste estudo, a análise está centrada nos elementos materiais presentes nas imagens, sem aprofundar a fotografia como objeto autônomo.

A partir dos referenciais teóricos de Michel de Certeau (1994), especialmente das noções de estratégia e tática, busca-se interpretar como os devotos se apropriam do espaço funerário, conferindo-lhe novos sentidos que escapam às estruturas institucionais. O conceito de tática é central para entender as formas pelas quais indivíduos comuns, sem o poder de ditar regras ou impor normas, agem dentro dos limites impostos, reinventando o uso dos espaços. Nesse sentido, os fiéis transformam o cemitério em um lugar vivo, marcado por práticas populares do catolicismo, que se manifestam por meio de gestos como, orações, velas, flores, oferendas, ex-voto etc. Essas ações cotidianas, invisíveis aos olhos das instituições religiosas, revelam uma apropriação simbólica do túmulo, que passa a funcionar como um espaço de conexão entre dimensões distintas: o sagrado e o profano, o individual e o coletivo, a memória pessoal e a devoção compartilhada. Através dessas práticas táticas, os sujeitos produzem sentidos próprios e constroem formas plurais de vivência religiosa, situadas à margem da religiosidade oficial, mas profundamente significativas em sua experiência cotidiana.

### **JOSÉ OSVALDO SCHIETTI: MORTE E CONSTITUIÇÃO DO MILAGREIRO.**

Conforme entrevista concedida por familiares à *Folha de Londrina* (2000), José Osvaldo faleceu em 1950, aos oito anos e meio, em um acidente de trânsito entre as cidades de Apucarana e Mandaguari, Pr. Viajava com os pais, uma irmã e três famílias em dois veículos quando, sob efeito da poeira, uma colisão traseira provocou o capotamento. Projetado para fora do carro, sofreu traumatismo craniano, falecendo no trajeto hospitalar. Essa versão alinhou-se à cobertura do *Diário da Tarde* de 27 de maio de 1950, que noticiou "14 feridos e um morto" no sinistro, identificando a vítima como "o menino José Osvaldo Schietti". A matéria detalha o capotamento dos veículos (uma caminhonete e uma perua), os "gritos lancinantes" das vítimas e a solidariedade de motoristas que prestaram socorro.

Todavia, a repercussão em torno de José Osvaldo, relaciona-se ao 'túmulo que

chora'. A partir de sua morte, consolidou-se a crença em um fenômeno considerado sobrenatural. Segundo o *Última Hora* (1962), logo após a construção de sua sepultura em granito e mármore, funcionários do cemitério perceberam filetes de água brotando da laje, resistentes a diversas tentativas de vedação. Segundo o jornal, filetes de água brotavam inexplicavelmente de seu jazigo (quadra 26, túmulo 222), mesmo após a família vedá-lo com "cimento, cal e piche". Funcionários do cemitério atestaram a persistência do evento. A notícia se espalhou rapidamente, atraindo curiosos e, posteriormente, devotos. As visitas multiplicaram-se, a água começou a ser coletada e logo surgiram relatos de curas. O caso de Luis Antonio Queirós, adolescente que sofria de grave inflamação nasal, foi um dos exemplos noticiados: sua mãe atribuía a recuperação às lavagens feitas com a água retirada do túmulo.

Visitando o 'túmulo que chora', a reportagem de ÚLTIMA HORA observou diversas pessoas que, piedosamente, recolhiam, com o auxílio de conta-gotas, a água milagrosa. Uma delas, dona Ana Queirós (Rua Mato Grosso, 547), explicou ao repórter: 'Meu filho obteve uma graça. Desde então, tenho visitado periodicamente o cemitério e levado a água para casa. Tem ajudado muito'. E contou que o filho, Luis Antonio Queirós, com 14 anos de idade, sofria de uma grave inflamação no nariz. 'Já fora, mesmo, desenganado pelos médicos', disse ela. 'Mas, com umas poucas lavagens que lhe fiz na parte afetada, utilizando a água do túmulo de Osvaldinho, ele sarou' (Última Hora, 1962, p. 9).

Diversos outros testemunhos foram registrados pelo jornal. Pedreiros que trabalhavam no cemitério contaram ter presenciado orações seguidas de curas aparentemente instantâneas. Um fazendeiro, desesperado diante da morte de suas galinhas, fez promessa ao menino Osvaldo e, após a melhora do plantel, retornou com uma quantidade de velas que mal conseguia carregar. Esses relatos, contribuíram para consolidar a aura de milagreiro do menino. Contudo, a devoção popular não foi unanimemente aceita. O pai de José Osvaldo declarou ao *Última Hora* que não acreditava nos milagres e desejava que a memória do filho fosse respeitada sem associações de milagres. Funcionários do cemitério também deram explicações naturalistas para o fenômeno, atribuindo o surgimento da água a infiltrações da chuva. Ainda assim, as romarias se intensificaram e, com elas, surgiram pequenos comércios nas proximidades do cemitério, prática comum em outros casos semelhantes, como ressalta Andrade (2015) em estudo sobre o "Menino da Tábua", em Maracá-SP.

## ENTRE VELAS, ÁGUAS E PEDIDOS: MATERIALIDADES DA DEVOÇÃO.

A devoção em torno de José Osvaldo, originada nas décadas de 1950 e 1960, manteve-se ativa ao longo do tempo, e, se percebe manifesta nas visitas frequentes, nas preces, nas oferendas e em outros rituais realizados junto à sua sepultura, evidência constatada por meio da observação sistemática de objetos deixados sobre o túmulo – aqui compreendidos como expressões de devoção. Esses elementos foram registrados fotograficamente e catalogicamente, com anotações de datas e horários. Cabe destacar que o volume real desses artefatos pode ser ainda mais significativo, uma vez que parte deles é frequentemente removida pela administração do cemitério ou por terceiros.

Para José Carlos Pereira (2005, p. 74), “a devoção marginal sobrevive de oferendas, votos e ex-votos, como as devoções oficiais”. Entre as expressões mais recorrentes encontram-se cartas manuscritas, alimentos como bolos e frutas, brinquedos (por exemplo, urso de pelúcia), além de fitas e copos com água. José Carlos Pereira (2004, p. 37), ao investigar a presença das religiões afro-brasileiras no catolicismo popular, mobilizando o conceito de trocas simbólicas de Pierre Bourdieu, interpreta esse tipo de oferenda como parte de uma dinâmica relacional entre o devoto e a entidade sagrada – relação que pode envolver a fusão de elementos do catolicismo tradicional com práticas de origem africana.

A religiosidade popular brasileira é marcada por rituais que misturam elementos de diversas religiões, mas como vimos, predomina-se elementos das religiões afro com o catolicismo ibérico (...) Um dos rituais que mais se assemelha e deixa evidenciar as características sincréticas do catolicismo popular é o ritual de oferendas (...) Há inúmeras espécies de oferendas, desde comida, objetos, dinheiro (...) encontram-se na sala dos milagres, ao lado de vasos brancos de porcelana e de barro utilizados nos cultos afro-brasileiros, colares coloridos e outros símbolos do sincretismo religioso (Pereira, 2004, p. 37 – 38).

Durante o trabalho de campo realizado em 2 de novembro de 2024, observou-se intenso movimento diante do túmulo – algo, de certo modo, já previsível para a data. Como observa Andrade (2015, p. 45), além da fé cultivada por aqueles que reconhecem os milagreiros e têm por hábito visitá-los em ocasiões como o Dia de Finados, os jornais locais desempenham papel fundamental como “meio de preservação da memória local”. Nessas datas, é recorrente a publicação de reportagens que destacam os túmulos mais procurados e recontam as histórias dos chamados santos de cemitério. O portal *Bonde*, importante veículo londrinense, por exemplo, publicou em 2022, “mesmo com chuva e frio, milhares visitam cemitérios de Londrina no Dia de Finados”. Em seu texto, trouxe mais a respeito de José Osvaldo, “conhecido como “o menino do milagre”, muitas pessoas passam pelo túmulo, pedem graças, depositam

flores e acendem velas” (Bonde, 2022).

**Imagem 1**



**Fonte:** o próprio autor

A imagem acima, registrada às 15 horas do dia 2 de novembro de 2024, revela a intensidade da devoção ao túmulo de José Osvaldo. Nela, observam-se velas acesas e os restos de muitas outras já consumidas pelo fogo, cerca de vinte vasos de flores dispostos ao redor da sepultura e garrafas de água deixadas de forma deliberada. Ao longo da observação, alguns devotos se aproximaram, permaneceram em silêncio em oração, contemplaram o jazigo e depois seguiram caminho. Entre os presentes, notava-se também a presença de curiosos atraídos pelo movimento em torno da sepultura.

As garrafas de água deixadas sobre o túmulo acrescentam uma camada simbólica significativa. No contexto da devoção a José Osvaldo, cuja fama está ligada ao “túmulo que chora”, a água aparece como um objeto liminar: é ao mesmo tempo oferenda e veículo de poder milagroso. Em sua pesquisa, Solange Ramos de Andrade (2015, p. 59) chama a atenção para a centralidade da água nas práticas devocionais, frequentemente depositada em copos ou garrafas junto ao túmulo do Menino da Tábua. Segundo a autora, esses recipientes não são meros adornos, mas destinam-se, nesse caso, ao consumo dos romeiros, que a reconhecem como remédio espiritual, capaz de trazer alívio às dores e aflições. Já Mircea Eliade (1992, p. 148)

ênfatiza que a água preserva, em diferentes tradições, uma função simbólica recorrente: purificar, dissolver e apagar as faltas, operando simultaneamente como força de regeneração e de purificação. Nas palavras do autor (1992, p. 65) “é por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração”. Ou ainda, “em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, “lavam os pecados”, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram” (Eliade, 1992, p. 66). Nesse sentido, depositar copos e/ou garrafas é uma prática invariavelmente recorrente na sepultura de José Osvaldo, como pode-se observar a partir das imagens a seguir. Estas foram capturadas em diferentes dias e meses, a saber: imagem 2 (21/01/2025), imagem 3 (05/03/2025) e imagem 4 (18/08/2025).

**Imagem 2**



**Fonte:** o próprio autor.

**Imagem 3**



**Fonte:** o próprio autor.

**Imagem 4**



**Fonte:** o próprio autor.

Em outra fotografia, registrada em 05 de março de 2025, observam-se outras expressões dessa devoção. Ainda que mais discretas se comparadas às do Dia de Finados, tratam-se de manifestações que são constantes. O exemplo da imagem 5 evidencia isso. Nota-se, primeiramente, a presença de ex-votos fixados no túmulo, sendo especificamente duas placas de agradecimento. Como explica Solange Ramos de Andrade (2015, p. 84), o ex-voto consiste em um objeto entregue ao milagreiro em cumprimento de uma promessa, após a obtenção de uma graça anteriormente solicitada. Além de materializar a devoção, cumpre a função de tornar públicos os poderes milagrosos da figura venerada. No caso de José Osvaldo, podem ser lidas as inscrições “Agradecido” e “Pelas minhas graças Alcançadas M.F.”, que ilustram testemunhos de intervenções atribuídas a ele.

**Imagem 5**



**Fonte:** o próprio autor

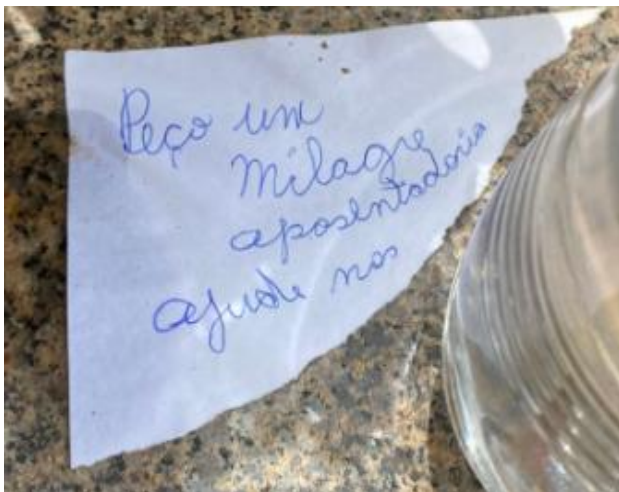
Para Alves (2013, p. 190), “os ex-votos não são meras expressões e sim uma forma em si dos feitos prodigiosos do santo”. Assim, a questão transcende as noções de "objeto real" ou "produto mental", e mesmo a ideia de um "problema de representação" só se sustenta se os sentidos inerentes ao conceito de representação forem profundamente ampliados e complexificados. Nesse sentido, os objetos não representam a relação de devoção em sua totalidade, apenas a parcialidade.

Abro parênteses para levantar a discussão proposta por Luis Erlin Gordo, que em sua tese de doutorado, revisitou as tipologias de ex-votos construídas por Beltrão (1980), José Marques de Melo (2008) e Jorge González (1986) e propôs sua ampliação. Nesse sentido, nas palavras de Cunha; Gordo (2021, p. 236), “por essa razão, os fiéis que oferecem presentes como: flores; velas; incensos; joias”, seriam considerados ex-votos de agrado. Para além disso, “se graça alcançada foi por intermédio de algum “anjinho” (crianças enterradas em cemitérios consideradas santas) é comum vermos brinquedos e chupetas” (2021, p. 236). Há ainda, ex-votos alimentícios, “de maneira a oferecer à divindade, que realizou o milagre, alimentos e

bebidas, subentendido pelo imaginário popular, ou revelado pela entidade, que tais oferendas irão satisfazer e deixá-la feliz”. Adiante, abordaremos tais elementos que podem ser identificados no túmulo de José Osvaldo.

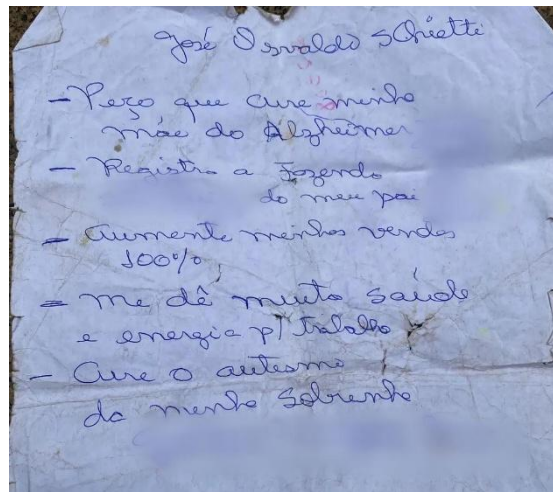
Por hora, tendo como análise a imagem 5, além das placas de agradecimento, é possível identificar, sob um dos vasos, a presença de uma carta. Não é raro encontrar bilhetes, escritos e pedidos deixados junto ao túmulo de José Osvaldo. Esses registros não seguem um padrão definido: vão desde súplicas relacionadas à saúde e aposentadoria até situações pessoais delicadas. Um exemplo foi recolhido em 16 de dezembro de 2024, cujo conteúdo dizia: “José Osvaldo, urgente. Peço a graça de nunca ninguém descobrir quem enviou aquela carta. E que todos os envolvidos desistam de procurar quem enviou. E que fique comprovado maus tratos em relação a criança”. Além disso, outros bilhetes fazem referência a questões financeiras, empregos ou trazem apenas nomes escritos em pequenos pedaços de papel, dobrados e depositados no espaço. A seguir, dois exemplos, catalogados em diferentes datas, oriundos, talvez, de diferentes perfis. De um lado (imagem 6), um devoto suplicando por aposentadoria. De outro (imagem 7<sup>1</sup>), o fiel pede benção sobre suas vendas, além de saúde para seguir trabalhando.

**Imagem 6**



**Fonte:** o próprio autor

**Imagem 7**



**Fonte:** o próprio autor

Outro elemento notável, ainda na imagem 5, é a presença de um urso de pelúcia, semelhante a um tigre. Em sepulturas de crianças consideradas milagreiras, brinquedos, doces, bonecas e pelúcias aparecem de forma recorrente. Os chamados “anjinhos” são compreendidos como figuras puras, aptas a interceder entre os devotos em sofrimento e a divindade à qual estão

<sup>1</sup> A imagem 7 teve dados pessoais preservados para que não fosse possível a identificação.

próximos (Andrade, 2015, p. 43). Um caso amplamente conhecido é o de “Paulinho Milagreiro”, falecido aos sete anos em 1972, em Niterói (RJ), cuja sepultura é constantemente visitada por fiéis que lhe oferecem brinquedos. O jornal *Extra* narra, por exemplo, a história de uma avó que, ao rezar diante de sua lápide, obteve a cura do neto doente e, em sinal de gratidão, retornou levando brinquedos para o menino.

A diarista Terezinha Rodrigues, de 60 anos garante ter recebido uma graça de Paulinho. - Há sete anos, peguei um dos carrinhos que ficam na lápide dele e pedi um emprego para o meu filho. Fui logo atendida e trouxe alguns brinquedos para colocar no lugar - conta ela, que assim como outros tantos agraciados, visitaram o túmulo do menino no fim de semana.

10

No caso das fitas observadas na fotografia, sua interpretação pode ser compreendida à luz do sincretismo e da presença marcante das tradições afro-brasileiras dentro do catolicismo popular. Como analisa José Carlos Pereira (2004, p. 20), o catolicismo brasileiro assimilou em suas devoções elementos associados aos orixás das religiões de matriz africana, conformando aquilo que ele denomina paralelismo sincrético. Essa característica se expressa em rituais que combinam referências afro-religiosas com o catolicismo ibérico. Pereira (2004, p. 38) aponta que, nos santuários católicos, é comum encontrar vestígios de cultos a divindades africanas. Nesse sentido, a fita branca pode ser associada a Oxalá, símbolo de paz e fé, enquanto a vermelha remete a Ogum e à força. Amarradas em túmulos ou imagens, elas funcionam como pedidos, sinais de proteção ou agradecimento.

**Imagem 8**



**Fonte:** o próprio autor

**Imagem 9**



**Fonte:** o próprio autor

Na imagem 8 podemos observar uma fruta e um pedaço de bolo, envolto em um plástico. Os itens foram documentados em 21 de janeiro de 2025. Nas palavras de José Carlos Pereira (2005, p. 87), “deixar doces na sepultura, ou outros tipos de alimentos, é muito comum nesta categoria de devoção, principalmente quando se trata de crianças”. Segundo o autor, a prática de ofertar alimentos aos chamados milagreiros constitui um elemento que evidencia o caráter sincrético dessa devoção não institucionalizada. Isso porque tal gesto se aproxima de costumes presentes em tradições religiosas de matriz africana, em que despachos deixados nos cemitérios podem se assemelhar às oferendas realizadas pelos fiéis do catolicismo popular marginal.

Nesse contexto, a entrega de alimentos simboliza, de maneira figurada, o fortalecimento de um vínculo espiritual entre aquele que oferece e a alma do milagreiro venerado. Trata-se, portanto, de uma relação de caráter contratual, marcada por um pacto ou compromisso firmado com a entidade cultuada. Esse mecanismo se aproxima da lógica da promessa, conforme demonstra Weber, citado por José Carlos Pereira (2005, p. 88), por meio da noção de “*do ut des*”, expressão que remete à ideia de troca ou reciprocidade.

Na imagem 9, sobressai-se a bala, disposta sobre o túmulo. Esses doces evocam a infância, associada simbolicamente à pureza e à ternura da alma. Nos espaços cemiteriais, a presença de guloseimas adquire múltiplos significados, sempre relacionados ao universo infantil. O mais recorrente é a prática de fiéis que deixam balas como forma de retribuir graças recebidas pela intercessão do “anjinho”. A entrega de doces também se manifesta em tradições afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé, em que os gêmeos São Cosme e Damião, assim como os erês, são homenageados com guloseimas. Dessa forma, as balas representam a expressão da devoção e da gratidão dirigida às entidades (Tomasi, 2017).

---

## CONCLUSÃO

Ressalta Calavia Sáez (2009) que os milagreiros, personagens locais, ultrapassam as barreiras entre as religiões, promovendo a união de mitos, devotos, objetos e lugares sagrados. Dessa forma, como sintetiza a historiadora Andrea de Alvarenga Lima (2007, p. 182), “entrar no cemitério é sair do mundo comum, cotidiano e profano e aproximar-se do além. É introduzir-se numa dimensão sagrada”. Assim, a investigação em torno da devoção a José Osvaldo Schietti, demonstra que os espaços cemiteriais, para além de sua função administrativa e institucional, tornam-se lugares dinâmicos de produção de sentido, onde práticas cotidianas configuram novas formas de religiosidade. O caso analisado permite compreender como materialidades – velas, brinquedos, doces, cartas, ex-votos, garrafas de água – são mobilizadas, operando como mediadores simbólicos que inserem a experiência individual em uma rede coletiva de devoção.

À luz de Michel de Certeau (1994), nota-se que a estrutura do cemitério corresponde ao domínio da estratégia, isto é, ao espaço regulado. No entanto, a vivência popular, ao acender velas, depositar bilhetes e ofertar alimentos, produz táticas que reinventam e ressignificam o lugar, instaurando práticas que escapam ao controle institucional. Essas táticas, ainda que invisíveis ou marginais para a Igreja, constroem sentidos plurais e revelam a potência criativa do cotidiano em elaborar religiosidade.

De modo geral, as formas de devoção direcionadas aos milagreiros têm se transformado, incorporando novas práticas sem abandonar tradições estabelecidas. O hábito de rezar, acender velas ou visitar a sepultura permanece constante, ao lado de manifestações mais variadas, que revelam a coexistência entre ritos prescritos pela religião oficial e expressões do catolicismo popular. Nesse horizonte, a devoção em torno de José Osvaldo exemplifica a concepção de Certeau (1994), segundo a qual os sujeitos ordinários reinventam os espaços que frequentam. Não apenas ocupam, mas ressignificam os lugares através de gestos cotidianos. Assim, o catolicismo popular, fortemente marcado pelo sincretismo, atua de forma tática ao apropriar-se de um túmulo e transformá-lo em território de experiência religiosa. Esse processo configura um deslocamento em relação à religiosidade institucionalizada, produzindo novos sentidos em espaços vividos, à margem das normas.

## FONTES DOCUMENTAIS.

DIÁRIO DA TARDE. Quatorze feridos e um morto no acidente da estrada Apucarana – Mandaguari. **Diário da Tarde**, Curitiba, 27 maio 1950. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?>

FOLHA DE LONDRINA. Família conta a história de José Osvaldo. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/familia-counta-a-historia-de-jose-osvaldo-308117.html>

FOLHA DE LONDRINA. Fé leva londrinenses a menino que faz milagres. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 1998. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/fe-leva-londrinenses-a-menino-que-faz-milagres-105927.html?d=1>.

ÚLTIMA HORA. Londrina: crentes recolhem água milagrosa do ‘túmulo que chora’. **Última Hora**, São Paulo, 13 nov. 1962. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=830348&pesq=jos%C3%A9%20osvaldo%20SCHIETTI&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br>.

ÚLTIMA HORA. ‘Deixem meu filho em paz’: pai de Osvaldo não crê nos milagres do túmulo que chora. **Última Hora**, São Paulo, 17 nov. 1962. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=830348&pesq=jos%C3%A9%20osvaldo%20SCHIETTI&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br>.

## REFERÊNCIAS

ALVES GOMES, Lilian. **O êxtase dos objetos: ex-votos e relações de devoção**. Interseções, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 172-193, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=41276399010>

ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994)**. Maringá: EDUEM, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA, Magali. do Nascimento.; GORDO, Luis. Erlin. Gomes. **Os ex-votos como mídias na transmissão e na preservação da memória social**. Revista Internacional de Folkcomunicação, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 219–240, 2021. DOI: 10.5212/RIF.v.19.i42.0011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19301>.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EXTRA. **O menino milagreiro de Niterói**. Extra online, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/o-menino-milagreiro-de-niteroi-603232.html>.

GORDO, Luís Erlin Gomes. **Comunicação (i) material com as divindades: tipos e formas**

**de ex-votos na religiosidade popular.** Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa, v. 16, n. 37, p. 190–206, 2018. Editora Ave-Maria; Universidade Estadual de Ponta Grossa. DOI: 10.5212/RIF.v.16.i37.0008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766476009/html/>

LIMA, Andrea. De Alvarenga. **A Saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba.** Psicologia Argumento, Curitiba, v. 25, n. 49, p. 173-185, 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20027>. Acesso em: 03 out. 2020.

MAUAD, Ana. Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-15, 1996. Disponível em: [http://codecamp.com.br/artigos\\_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf](http://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf).

MELERO, Taís Cristina. Morte, cemitérios e devoção: uma análise material do fenômeno dos santos populares em Bauru e Jaú (São Paulo – Brasil) a partir de imagens. **Revista de História da UEG**, [S.l.], v. 1, p. 1-18, ago. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11618>.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais:** interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre: Zouk, 2005. 127 p.

PEREIRA, José Carlos. **Sincretismo religioso e ritos sacrificiais:** influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro. São Paulo: Zouk, 2004.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados:** mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

SARIS, Simoni. **Mesmo com chuva e frio, milhares visitam cemitérios de Londrina no Dia de Finados.** Bonde, Londrina, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/mesmo-com-chuva-e-frio-milhares-visitam-cemiterios-de-londrina-no-dia-de-finados>

TOMASI, Julia Massucheti. **Santinhas do Itacorubi:** história e memória das milagreiras do Cemitério São Francisco de Assis/Itacorubi, Florianópolis (1980-2016). Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185544/PHST0594-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 out. 2020.